

## Educação protestante e cultura afro-descendente: uma relação conturbada

Por Cláudia Sales de Alcântara\*  
Por Geraldo Magela de Oliveira-Silva\*\*

### Resumo:

A cultura africana presente no Brasil deixou-nos um legado sagrado, onde encontramos vários tipos de manifestações religiosas de rico valor cultural. O protestantismo que chega ao Brasil, por sua vez, é tipicamente europeu e norte-americano, logo, com sérias dificuldades de manter um relacionamento cultural com o povo brasileiro, fortemente influenciado pela cultura africana. Exemplo disso é o material desenvolvido pela APEC, utilizadas até hoje nas escolas bíblicas, com as crianças, em todo Brasil. Através deste material, poderemos ver como o processo de aculturação da identidade afro-descendente acontece tanto de forma objetiva (imposição aberta) como de forma subjetiva (imposição baseada na atração e conseqüente desvalorização do sistema cultural através de falta de referências afro-descendentes no material apresentado e a supervalorização da cultura branca européia e norte-americana).

### Palavras-chave:

negritude, protestantismo, cultura, educação, aculturação.

### Introdução

Apesar do número significativo de negros na população brasileira, a igreja protestante - histórica e pentecostal, conhecida hoje como evangélica, não tem observado a riqueza cultural que esta matriz possui e pode proporcionar à cultura evangélica. De modo geral, a liturgia, a música e a educação das igrejas ditas

---

\* Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará e em Teologia pelo Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos; mestrandia em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC, na área de Currículo, cultura, políticas e práticas curriculares.

\*\* Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e em Teologia pelo Instituto Bíblico das Assembléias de Deus; orientador educacional da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza, CE.

evangélicas no Brasil são brancas, e o negro, para ter acesso a elas, tem que sofrer um processo de branqueamento.

Ser negro e protestante (principalmente se for pentecostal) significa, em muitos casos, ainda hoje, não ser mais praticante da macumba ou umbanda e aceito pelos demais “irmãos” brancos, que o vêem como um negro diferente dos demais, um negro de “alma branca”. Podemos analisar algumas estratégias que as igrejas, tradicionais e pentecostais, utilizaram para que se forjasse uma ideologia do branqueamento dentro de suas igrejas: **a teologia**, branca e racista, a começar por suas próprias origens – euro-americana; **a educação**, onde o tema democracia racial não é discutido nas escolas bíblicas; aliás, a educação religiosa dessas igrejas passa longe de assuntos polêmicos que exijam o mínimo de reflexão; e a **falta de referênc**ia, ou seja, poucos são os negros que ocupam posição de liderança, ou dirigem igrejas.

Contudo, queremos nos deter apenas na segunda estratégia – a educação. Para isso, queremos trabalhar com alguns instrumentais da APEC (Aliança Pró-Evangelização das Crianças) tais como músicas, histórias e figuras utilizadas até hoje nas escolas bíblicas em todo Brasil. Nesse material, podemos ver como o processo de aculturação da identidade afro-descendente acontece tanto de forma objetiva (imposição aberta) como de forma subjetiva (imposição baseada na atração e conseqüente desvalorização do sistema cultural através de falta de referências afro-descendentes no material apresentado e a super valorização da cultura branca européia e norte-americana).

## **O Brasil: um país mestiço**

A nação brasileira foi basicamente formada pela miscigenação do branco europeu, principalmente o português, com o índio e o negro. Além do índio e do negro, bem como do branco português, outros europeus vieram para cá, mas tiveram

pouca vivência e influência, razão pela qual não serão abordados neste artigo. Ainda sobre o assunto, Carl Joseph Hahn afirma:

Ao contrário das Américas, seu sangue europeu limitou-se, durante os três primeiros séculos, quase que exclusivamente ao português. Este sangue europeu, mais o africano e o indígena misturaram-se livremente numa nova linha sanguínea desde os inícios mesmos da imigração européia.<sup>1</sup>

Os índios eram, sem dúvida, os primeiros habitantes do Brasil e estavam espalhados por todo país na época de seu “descobrimento”. Os portugueses, por sua vez, vieram de várias regiões de Portugal e também das ilhas dos Açores e da Madeira. Os negros, por fim, foram trazidos para o Brasil devido à utilização da mão-de-obra escrava, ainda no século XIV.

Em pouco tempo, índios - especificamente as índias, mulheres de portugueses, soldados, colonos e administradores criavam seus filhos mamelucos<sup>2</sup> em uma miscigenação de culturas e de crenças, religião e superstições. A religião animista indígena misturou-se facilmente com a macia e lírica religião católico-romana portuguesa, como diz Darcy Ribeiro:

Os iberos, ao contrário, se lançaram à aventura no além-mar [...] Certos de que eram novos cruzados cumprindo uma missão salvacionista de colocar o mundo inteiro sob a regência católico-romana. Desembarcavam sempre desabusados, acesos e atentos aos mundos novos, querendo fluí-los, recriá-los, convertê-los e mesclar-se racialmente com eles.<sup>3</sup>

E para completar esse processo de miscigenação, os negros que foram trazidos ao Brasil de forma violenta, arrancados de seus lares, foram batizados em massa na fé portuguesa católico-romana, compartilhando seus talentos, crenças e características para as demais etnias existentes no Brasil.

---

<sup>1</sup> HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. Trad. Antônio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989. p. 47.

<sup>2</sup> Mestiço de português e índio.

<sup>3</sup> RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 60.

Estas são as questões fundamentais para compreender o processo de formação da nação brasileira com todas as implicações que estão agregadas a ela, como dizia Darcy Ribeiro:

Nós, brasileiros, nesse quadro, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na *ninguendade*. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros. Um povo, até hoje, em ser, na dura busca de seu destino. Olhando-os, ouvindo-os, é fácil perceber que são, de fato uma nova romanidade, uma romanidade tardia mas melhor, porque lavada em sangue índio e sangue negro.<sup>4</sup>

A nação brasileira é, portanto, uma nação mestiça e sincrética em suas práticas religiosas, uma nação presenteada com uma rica flora e fauna, uma nação multicolor. Uma nação que possui um pouco de cada uma das civilizações que por aqui chegaram, como diz Gilberto Freyre, “todo brasileiro, mesmo o mais claro e louro, traz consigo, em sua alma, quando não no corpo também [...] a sombra, ou ao menos a marca de nascença do índio ou do negro”<sup>5</sup>.

## O negro e as igrejas protestantes

O Brasil recebeu 37% de todos os escravos africanos que foram trazidos para as Américas, totalizando mais de três milhões de pessoas. Durante o período colonial, a escravidão era a base que sustentava a economia do Brasil, principalmente na exploração de minas de ouro e nas lavouras de cana-de-açúcar. Por vários séculos, desde o ciclo da cana-de-açúcar - séculos XVI e XVII - até o ciclo do café - séculos XIX e XX, o negro foi o braço sustentador da economia brasileira, estando presente em todas as atividades econômicas fundamentais do país. Para termos uma idéia da importância da mão-de-obra escrava para a economia brasileira, somente no período

---

<sup>4</sup> RIBEIRO, 2006, p. 410.

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 53.

de 1820 a 1860, o Brasil recebeu 1.200.000 negros escravizados, mais que o dobro da quantidade recebida por toda a América espanhola no mesmo período.

Os escravos assistiram à chegada dos primeiros protestantes - protestantismo de invasão, viram suas crenças, costumes e fé. Contudo, os primeiros protestantes que aqui chegaram – através dos huguenotes, dos holandeses e flamengos durante o período colonial – viam o negro apenas como uma indispensável força de trabalho, barata e muito rentável.

Com a independência do Brasil, houve grande interesse por parte de imigrantes, inclusive protestantes, de tentar uma vida melhor no “novo mundo”. O protestantismo de imigração inicia-se na primeira metade do século XIX, com a chegada de imigrantes alemães em 1824, onde fundam, em 1968, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil<sup>6</sup>. A igreja luterana era uma igreja étnica, ou seja, voltada apenas para os imigrantes e seus descendentes. A Igreja Metodista Episcopal foi então a primeira denominação a iniciar atividades missionárias junto aos brasileiros. Eles fundaram, no Rio de Janeiro, a primeira Escola Dominical do Brasil, em 1828. Contudo, a sua atuação foi destinada aos grupos de classe média e a alta burguesia, através de um discurso elitizado. Desta forma, o negro, segundo Leonardo Boff:

pelo fato de serem diferentes dos brancos, dos cristãos e dos europeus, foram tratados com desigualdade, discriminados. A diferença de raça, de religião e de cultura não foi vista pelos colonizadores como riqueza humana. Grande equívoco: a diferença foi considerada como inferioridade!<sup>7</sup>

Durante o período missionário protestante - protestantismo de missão, entre os anos de 1850 e 1900, os protestantes buscaram formar entre seus adeptos uma forte consciência de ser “diferente”, ou em outras palavras, “anticatólico”, o que

---

<sup>6</sup> A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil como tal surgiu apenas em 1968. Até então, havia vários sínodos luteranos regionais.

<sup>7</sup> BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 19.

gerou no meio do protestantismo uma tendência religiosa firmada na negação e oposição à religião tradicional, arcaica, praticada e vivenciada anteriormente, para abrir-se para o novo, para o moderno, entrando no mundo das letras, a Bíblia. Nessa nova visão religiosa, as pessoas passavam a viver a experiência da conversão sinalizada por uma ruptura com o catolicismo<sup>8</sup>.

Esses missionários que introduziram também outra cultura, marcada pelo estilo de vida norte americana, vieram tanto do Norte como do Sul dos Estados Unidos, trouxeram consigo profundas divergências teológicas e políticas. Os do Norte tinham conceitos teológicos e idéias liberais, eram contra a escravidão. Os do Sul eram ortodoxos intérpretes das Escrituras Sagradas – “fundamentalistas” – a escravidão era tida como uma instituição ordenada por Deus. Para os missionários do Sul, o negro era um descendente de Caim, amaldiçoado por Deus para sempre. O servo do servo de seus irmãos<sup>9</sup>. Nesse contexto, em meio a tantas divergências teológicas e políticas, muitos no Brasil foram convertidos através de uma pregação influenciada pelo fundamentalismo que, além de resistir ao catolicismo, tinha conceitos e preconceitos contra os negros, o que levou as **Igrejas Protestantes** a estigmatizar e menosprezar a cultura e religiosidade africana, tidas como satânicas. Veja o que diz o Padre Antônio Aparecido da Silva:

Do púlpito à corte, as práticas religiosas de origem africana foram estigmatizadas e satanizadas, sofrendo, inclusive, a repressão policial. Graças unicamente à proteção divina e à resistência negra, permanecem hoje, mais florescentes que ontem. Mesmo com o clima mais favorável para o ecumenismo e o diálogo religioso que se criou após o Concílio Vaticano II, ainda são fortes os preconceitos e a distância de católicos e protestantes em relação à religiosidade de origem africana.<sup>10</sup>

Até os dias de hoje, muitas igrejas protestantes conhecidas como históricas, não permitem que em seus cultos sejam utilizados instrumentos musicais ou ritmos

---

<sup>8</sup> RIBEIRO, 2006.

<sup>9</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: EdUnb, 1980.

<sup>10</sup> SILVA, Antônio Aparecido da. *Cultura Negra e evangelização*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 99.

que não sejam os trazidos pela tradição européia e norte-americana. O som do piano e do órgão é a música considerada a mais apreciada por Deus. Os ritmos, os sons de atabaques, tambores e chocalhos são elementos profanos e pecaminosos, por originarem-se da cultura, e serem usados nos cultos afros, considerados inferiores e demoníacos. Esta visão tem suas raízes ideológicas na idéia de branqueamento que associava o negro a tudo o que é mau, feio e ruim, e o branco ao bom, bonito e perfeito. Como diz Marco Davi de Oliveira:

Assim, a liturgia constituiu outra barreira a que os negros no Brasil se aproximassem mais das igrejas históricas. Com uma programação litúrgica que valorizava os ritmos europeus e norte-americanos, as denominações históricas demonstravam quanto se colocavam à margem da cultura negra do Brasil.<sup>11</sup>

Com o surgimento do pentecostalismo – com sua liturgia mais flexível, dinâmica e participativa – os negros encontraram tudo aquilo que eles precisavam para que se vissem como cidadãos e recuperassem a auto-estima. Ser negro e pentecostal significava não ser mais praticante da macumba ou umbanda e aceito pelos demais “irmãos” brancos que o vêem como um negro diferente dos demais, um negro de “alma branca”.

Mesmo as igrejas pentecostais possuindo como valores máximos a cultura ocidental européia e norte-americana, paradoxalmente, serão elas onde os negros mais se identificarão; é o pentecostalismo que proporcionará essa liberdade a eles, fazendo com que os negros participem do culto, deixando de ser apenas meros ouvintes e espectadores. Entre as explicações para esse fenômeno, Marco Davi de Oliveira afirma que alguns aspectos contribuíram para isso:

[...] o primeiro, que salta aos olhos, é a utilização do corpo como instrumento de culto. Nas igrejas pentecostais, o corpo é usado livremente no momento da adoração, indo de palmas e danças até expressões incomuns, como rastejar no chão, abrir os braços numa posição de vôo, correr sem sair do lugar, etc. [...] O segundo aspecto que chama a atenção na liturgia pentecostal e que atrai os negros no

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 59.

Brasil é a musicalidade. [...] É muito difícil para um negro ouvir um ritmo que faça alusão à sua origem e ficar inerte. [...] Um último aspecto que pode ser identificado na liturgia pentecostal e que atinge, sobretudo, os negros é a força dos antepassados, embora essa questão não seja muito bem compreendida pela maioria dos evangélicos, tanto pentecostais quanto históricos. [...] Lembrar os antepassados – sem cultuá-los, naturalmente – é reconhecer a força cultural que privilegia os mais experientes, chamando-os sábios.<sup>12</sup>

Contudo, observamos que, apesar do movimento pentecostal ser de origem negra e atrair os negros brasileiros, ele possuía como valores e referencial do divino, para todos os povos, a cultura ocidental européia ou norte-americana, tratando as demais culturas, inclusive a cultura africana, como de origem diabólica. Tudo isso fez com que a cultura africana fosse cada vez mais distanciada da identidade do negro pentecostal.

## O lado “negro” do pentecostalismo

O pentecostalismo no Brasil é, apesar de negro, de origem norte-americana; sendo assim, sempre olhou de maneira preconceituosa as diversas manifestações culturais já existentes em solo brasileiro. O que aconteceu entre o pentecostalismo e os afro-descendentes no Brasil equivale à imposição da cultura euro-americana pelos cristãos imperialistas aos países por eles colonizados, como afirma Brian McLaren:

[...] uma visão de substituição cultural; aniquilar as culturas associadas a outras religiões e substituir todas as memórias e artefatos delas com os ornamentos da religião dominante. É exatamente isso o que o cristianismo ocidental tem praticado de maneira menos explosiva, porém não menos real em nossa história.<sup>13</sup>

Ou ainda, como foi citado David O. Moberg, em *Missão Integral* de C. René Padilla:

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 68-70.

<sup>13</sup> MCLAREN, Brian D. *Uma ortodoxia generosa: a igreja em tempos de pós-modernidade*. Trad. Jorge Camargo. Brasília: Palavra, 2007. p. 280.



Temos equiparado o ‘americanismo’ com o cristianismo até o ponto de estarmos tentados a crer que as pessoas em outras culturas, ao converterem-se, devem adotar os padrões institucionais estadunidenses. Através de processos psicológicos naturais somos levados a crer inconscientemente que a essência de nosso American way of life é basicamente – senão totalmente – cristã.<sup>14</sup>

Desde sua gênese o pentecostalismo, em seu intuito de formar adeptos, possui uma forte característica que é a de “tirar” o fiel deste mundo, e isso implicava fortemente em ser contracultural, sectário e ascético. Com uma crença fundamentada na Segunda Vinda iminente de Cristo, e na dicotomia entre o bem e o mal, o céu e o inferno, o material e o espiritual, este não deveria jamais se interessar por “coisas mundanas”, posicionando-se incisivamente contra a participação de cristãos em todo e qualquer tipo de manifestação artística e cultural. Para o pentecostalismo, a arte possuía como fator genético o pecado. Ser pentecostal, nesse sentido, implicava em sacrifícios, penitências em troca de paz espiritual e certeza de salvação, devendo sempre estar alerta para uma série de proibições e tabus comportamentais.

Embora a igreja pentecostal possua uma origem negra, ela continuará a pensar como igreja estrangeira. Desta forma, além de ter aversão a tudo que é católico, vai também ojerizar todas as manifestações culturais brasileiras, indígenas e negras que vão ser confundidas com as manifestações católicas, logo consideradas diabólicas, mudanas, ímpias. Marco Davi afirma:

O primeiro princípio que notamos na Igreja Evangélica brasileira é que tudo que vem de matriz africana é coisa demoníaca. Na Igreja brasileira, já se convencionou considerar “do diabo” tudo que tem origem na África. [...] Outro princípio que tomou conta da igreja brasileira em relação à origem africana dos negros é que os elementos que guardam semelhança com os aspectos culturais da África devem dar lugar àqueles originários de outros lugares, de outras culturas. [...] Um terceiro princípio que deve ser citado em relação à origem africana dos negros é que essa origem deve ser esquecida para não

---

<sup>14</sup> PADILLA, C. René. *Missão integral*: ensaios sobre o Reino e a igreja. Trad. Emil Albert Sobottka. São Paulo: FTL-B / Temática Publicações, 1992. p. 28.

suscitar nenhuma divisão entre os evangélicos. Falar das questões raciais não é correto, nem se torna um testemunho adequado.<sup>15</sup>

A proposta do pentecostalismo então foi e é de um rompimento com o “velho homem”, deixando para trás toda herança cultural de origem, para se tornar uma “nova criatura”, abraçando a forma de celebrar e cultuar a Deus, importada culturalmente do hemisfério norte, o que não possibilita nenhuma forma de aceitação de elementos culturais afro-brasileiros, quer nas celebrações, quer na prática da vida diária. Arte, entretenimento e ociosidade formavam - ou ainda formam - o triângulo perfeito para a instalação da “oficina de Satanás”. Este conservadorismo exacerbado se estendeu por décadas e influenciou significativamente na formação de gerações completamente alienadas da arte e da cultura, de maneira geral, causando danos incalculáveis à cultura afro-descendente, que sofreu um processo de aculturação<sup>16</sup> dentro dessas denominações, resultando em desvalorização, descaracterização e perda de identidade da cultura negra nas igrejas pentecostais.

## O branqueamento

A ideologia do branqueamento entrou em voga no Brasil a partir na década de 1930, com o objetivo de extinguir o seguimento negro brasileiro, pois existia um desejo que o país se tornasse branco, o que seria conseguido com o cruzamento das raças. Durante muitos anos, o Brasil possuía a maioria da população negra, sendo

---

<sup>15</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 94-96.

<sup>16</sup> Quando falamos de aculturação estamos nos referindo à absorção de uma cultura pela outra, onde essa nova cultura terá aspectos da cultura inicial e da cultura absorvida. Este conceito está fortemente associado à idéia de extinção, descaracterização ou desestruturação social-cultural e perda de identidade de um povo. Isso porque a aculturação supõe que uma cultura possui mais valor do que outra, do mesmo modo como a suposta superioridade de certas raças em face de outras. Sendo assim, esta se faz pela imposição ou insinuação de estilos de comportamento através de processos sociais formais e informais, diretos e indiretos. Nesse contexto, o processo de aculturação é um molde social imposto por uma sociedade hegemônica sobre outra. Este molde pode acontecer de forma objetiva (imposição aberta, colonialista) ou de forma subjetiva (imposição baseada na atração e conseqüente desvalorização do sistema cultural materno em detrimento do apresentado), sendo ambas danosas.

assim, era visto como um país de mestiços. Por isso, foram usados vários instrumentos institucionais para que esta ideologia fosse implantada.

Um desses instrumentos foi a igreja protestante, conhecida hoje como evangélica, que ainda é um instrumento de manutenção desta ideologia. A história da igreja evangélica no Brasil sempre favoreceu aos brancos em detrimento a tudo o que acontecia com os índios e negros. A igreja protestante chegou a solo brasileiro em plena escravidão e manteve-se omissa e conivente com as atrocidades que eram feitas.

Podemos analisar algumas estratégias que as igrejas protestantes, históricas e pentecostais, utilizaram para que se forjasse uma ideologia do branqueamento dentro das igrejas.

A Primeira delas é a teologia; teologia esta branca e racista, a começar por suas próprias origens – européia e norte-americana. Como exceção, temos o Pentecostalismo que surge do avivamento iniciado pelo negro e filho de escravo William James Seymour, e que se aproximou dos mais pobres e negros logo que chegou no Brasil<sup>17</sup>, o que já mostra um certo avanço. Contudo, as igrejas pentecostais influenciadas pelo racismo demonizaram tudo o que era de origem negra. A nossa teologia é de origem racista. Por isto que até os dias de hoje vemos a descrição do pecado como a cor preta, o diabo da mesma forma, etc.

A segunda coisa que podemos citar é a educação religiosa – objeto do nosso estudo. Não se é falado em democracia racial em nossas escolas bíblicas, aliás, a educação religiosa de nossas igrejas passa longe de assuntos polêmicos que exijam o mínimo de reflexão; nossas igrejas fogem “como o diabo foge da cruz” de constrangimentos e de impossibilidade de respostas. Elas tentam sempre manter uma postura fundamentalista e dogmática de tudo. Isso não acontece apenas com a

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, 2004.

questão racial, mas com muitos outros assuntos tais como a sexualidade, o sexo, os desejos, atração e o prazer.

Uma última estratégia que poderíamos citar é a falta de referência, ou seja, poucos são os negros que ocupam posição de liderança, ou dirigem igrejas.

Todo esse contexto gerou, inclusive nas igrejas pentecostais, um grande número de casamento inter-racial. O desejo de aceitação em muitos casos fez com que se escolhesse o cônjuge pela cor de sua pele, falando mais alto do que o amor. Como afirma Marco Davi de Oliveira:

[...] o amor não tem raça, nem está preocupado com a cor da pele do ser amado. Quem ama, ama e pronto. Há a escolha pessoal, e isso é muito saudável. Porém é sabido que nem todos os casamentos nas igrejas pentecostais têm o amor como única motivação [...] a escolha de um cônjuge está, muitas vezes, circunscrita à cor da pele.<sup>18</sup>

Esse tipo de ideologia fez com que por muito tempo se acreditasse que o branqueamento fosse o melhor caminho para se conquistar a ascensão social, inclusive dentro das igrejas.

## **A educação infantil nas igrejas protestantes: analisando o material da APEC**

Uma das estratégias utilizadas para “branquear” as igrejas protestantes no Brasil foi a educação. A educação nessas igrejas inicia-se desde a idade de aproximadamente três anos e segue por toda vida. As classes de escolas bíblicas, assim denominados esses momentos de estudo, estão geralmente divididas da seguinte maneira: sala das crianças, sala dos adolescentes - esta sala tem sua formação mais recente, sala dos jovens - ou ainda, dos não casados - e sala dos casados - onde são incluídos os(as) desquitados(as) e viúvos(as).

---

<sup>18</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 87-88.

Em relação à sala das crianças, ainda encontramos em algumas igrejas as seguintes subdivisões: sala dos “não letrados” - 3 a 5 anos - e a dos “letrados” - 6 a 10 anos, podendo ainda encontrar uma divisão mais rebuscada: maternal - 3 a 5 anos, primários - 6 a 7 anos - e a dos juniores - 8 a 10 anos. Esta divisão varia de acordo com o espaço logístico disponível nas igrejas e o número de professores(as) disponíveis.

Quanto ao recurso didático utilizado para a ministração das aulas, podemos citar os produzidos pelas seguintes editoras: CPAD, Cristã Evangélica, entre outras; contudo, o material didático que mais nos chamou a atenção, sem dúvidas, foi o material produzido pela Aliança Pró-Evangelização das Crianças – APEC, uma organização fundada em 1937 por Jessé Irwin Overholtzer, em Chigaco, Estados Unidos, que se expandiu até o Brasil – por um motivo muito simples: a autora fez o curso desta instituição para formação de professoras, com a duração de um ano, onde aprendeu a utilizar os materiais didáticos - músicas, histórias, jogos, campanhas, etc - vindo a ser professora da referida instituição na cidade de Fortaleza, lecionando a disciplina de comunicação visual, por dois anos consecutivos.

Entre os materiais disponíveis, encontramos a base da evangelização de crianças, que permeia todo o curso e é depois desenvolvido nas igrejas, nas salas de Escola Bíblica e nos impactos evangelísticos: o livro sem palavras. Este livro tem páginas coloridas que é usado como recurso visual, para evangelizar as crianças; ele possui cinco páginas, cada página contém uma cor, que traz uma interpretação fundamentalista da Bíblia, na seguinte ordem: dourada, preta, vermelha, branca e verde. Cada página diz uma verdade bíblica à criança que aprenderá esta verdade pela sua associação com a cor. Vejamos o que diz cada página:

#### PÁGINA DOURADA

Esta página dourada nos fala do Céu. Não posso lhe dizer como é lindo o Céu, mas há um versículo da Palavra de Deus que nos dá uma idéia. É o Apocalipse 21:21 *“E as doze portas eram doze pérolas... A praça da cidade é de ouro puro”*.

Mais do que isso, o céu é um lugar de alegria. Ninguém fica doente no Céu. Não há dores, nem sofrimentos, nem tristezas. Melhor ainda, ninguém morre. *“E Deus enxugará dos olhos as lágrimas e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor”* (Ap 21:4).

Somente Deus poderia criar um lugar tão maravilhoso. Você já sabia que Deus o ama tanto que quer que você esteja no Céu com Ele para sempre? Quando o Senhor Jesus voltou para o céu depois de morrer na cruz e ressuscitar dos mortos, Ele disse que ia preparar um lugar para nós. E Deus quer você lá com Ele para ser feliz eternamente.

## PÁGINA PRETA

Se a calçada na frente da sua casa fosse de ouro, quanto tempo ela ficaria ali? Uma noite? “Oh”, você diz, “alguém a roubaria”. Mas não é pecado roubar? Claro que é. E lá no Céu... *“Nela nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada... e mentira”* (Ap 21:27). Quer dizer que o pecado não poderá entrar no Céu para estragá-lo.

Pense, então: Deus quer que cada um de nós vá para o Céu, mas se há pecado em nossos corações, este nos impede de entrar no Céu.

A página preta representa o pecado em nossos corações, o pecado que nunca poderá entrar no Céu. A Palavra de Deus nos diz que *“Todos pecaram”* (Rm 3:23). Você também precisa dizer, *“eu pequei”*.

Mas, escute... Deus tem Boas Novas para você! Ele tem um remédio que faz possível nos livrar dos pecados! Nós não podemos fazer nada para limpar os nossos corações. Mas Deus pode e o fará... se cremos no Evangelho: *“que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”* (1 Co 15:3-4).

## PÁGINA VERMELHA

Esta página vermelha representa o precioso sangue do Senhor Jesus Cristo. A Bíblia nos ensina que *“o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado”* (1 Jo 1:7). Não é maravilhoso saber que Deus não somente nos ama tanto que nos quer no Céu, mas nos ama tanto que deu Seu único Filho para ser o nosso Salvador e para levar o castigo de nossos pecados? Quando o Senhor Jesus morreu na cruz, Deus pôs sobre Ele os nossos pecados. Assim que diz 2 Co 5:21 *“Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que n’Ele fôssemos feitos justiça de Deus”*.

Depois de morrer em nosso lugar, Jesus foi sepultado, e ao terceiro dia ressuscitou! Viveu novamente! Jesus está vivo! E porque Ele vive, Ele pode vir morar em nossos corações. Ele diz agora: *“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa”* (Ap 3:20). Quando convidamos o Senhor Jesus a entrar em nossos corações e ficar para nos salvar do pecado, Ele entra e fica.

## PÁGINA BRANCA

A página branca representa o coração limpo, que Jesus já purificou. Sabe quão branco ele faz o coração que O recebe? Tão branquinho como a neve? Não! Mais branco do que a neve! A Bíblia diz, “Lava-me, e ficarei mais alvo que a neve” (Sl 51:7b).

Você não gostaria de ter o seu coração tão limpinho assim? Deus quer perdoar os seus pecados e purificar o seu coração, e assim Ele fará no momento que você receber Jesus como seu Salvador. Jesus já morreu em seu lugar; ele quer ser o seu Salvador; quer lhe dar a vida eterna... vida eterna no Céu.

Jesus está batendo à porta do seu coração. Você precisa abrir a porta e deixá-LO entrar. Não quer fazer isso agora mesmo? Então, abaixe agora a sua cabeça e peça ao Senhor Jesus que entre em seu coração. Peça para Ele ser o seu Salvador.

A salvação é um presente. Como fazemos ao receber um presente? Agradecemos, não é? Então, diga “muito obrigado” agora mesmo a Deus, o Pai. Agradeça a Deus por ter enviado o Senhor Jesus para morrer em seu lugar. Agradeça que Ele agora o salvou e perdoou seus pecados. Agradeça que Ele lhe deu agora a vida eterna.

## PÁGINA VERDE

A página verde nos fala da nova vida que recebemos quando aceitamos o Senhor Jesus como Salvador.

Quais são as coisas verdes que existem na natureza? Sim, as ervas, as árvores, o gramado e as plantas em geral. E todas são coisas que têm vida. Vamos ler mais um versículo da Bíblia. É João 3:36 “Quem crê no filho tem a vida eterna”. Você agora crê no Senhor Jesus como Salvador e Senhor da sua vida (dono)? Então, este versículo fala de você. Diz que você tem o quê? Exatamente, você tem a vida eterna - o tipo de vida que precisamos ter para poder entrar no Céu. Você não está contente de ter recebido Jesus como seu Salvador?

E, agora, esta nova vida precisa ser alimentada pela leitura da Palavra de Deus (2 Pe 3:18), e pela oração. Assim você irá crescendo espiritualmente na vida cristã, agradando ao Senhor Jesus na sua vida diária e ganhando outros para Ele.<sup>19</sup>

Fica claro a associação da cor preta ao pecado, a algo que foi contaminado e que não possui acesso ao Céu e ao próprio Deus. É por associação que as crianças aprendem desde cedo que tudo referente ao preto, negro, é diabólico, contém natureza pecaminosa.

---

<sup>19</sup> *A história do Livro sem palavras*. Disponível em: <[http://www.montesiao.pro.br/redecrianca/dicas/hist\\_sempalavras.htm](http://www.montesiao.pro.br/redecrianca/dicas/hist_sempalavras.htm)>. Acesso em: 01 jun. 2008.

Outro material muito utilizado é o recurso musical; e para reforçar a lição do livro sem palavras temos o seguinte cântico:

Meu Coração era Preto [Sujo]  
Meu coração era PRETO [em outras versões SUJO],  
Mas Cristo aqui já entrou,  
Com seu precioso sangue,  
Tão BRANCO [em outras versões ALVO] assim o tornou.  
E diz em sua Palavra,  
Que em ruas de ouro andarei,  
Oh, dia feliz quando eu cri,  
E a Vida Eterna eu ganhei.<sup>20</sup>

Continua evidente que o processo educativo no qual, principalmente, crianças estão envolvidas, é segregacionista e discriminador, induzindo ao preconceito desde o simples uso da cor preta como cor que simboliza o pecado e a sujeira. Esses exemplos mostram o processo de aculturação da identidade afro-descendente de forma objetiva - imposição aberta.

Quanto às histórias que são contadas às crianças com o auxílio de recursos visuais, cartazes, observamos a escassez de referenciais negros. Os grandes heróis são os missionários euro-americanos; os personagens bíblicos são representados por figuras de homens e mulheres magros, de pele branca e cabelos castanhos e dourados. Raras são as histórias com personagens negros como protagonistas, reforçando o processo de aculturação, agora de forma subjetiva, ou seja, pela imposição baseada na atração e conseqüente desvalorização do sistema cultural através de falta de referências.

Este quadro de violência simbólica nos mostra como se dão de maneira sutil os processos de dominação que ocorrem através da imposição de um sistema cultural. Bourdieu<sup>21</sup> explica bem este conceito, mostrando que a cultura é um conjunto de símbolos selecionados, ao longo da história, de acordo com os interesses de uma classe dominante. Tais produções simbólicas estão fundamentadas em

---

<sup>20</sup> *Cânticos de salvação para crianças*. v. 2. São Paulo: APEC, [s.d.]. p. 9.

<sup>21</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 1989. Lisboa: Difel



ideologias que são coletivamente apropriadas, embora sirvam a interesses particulares do grupo que domina.

A violência simbólica expressa-se na imposição “legítima” e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante. [...] O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima desse processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.<sup>22</sup>

Dessa forma, a violência simbólica é efetivada com a “cumplicidade” daqueles que a sofrem.

[...] violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.<sup>23</sup>

Assim, os grupos dominados - negros - têm como referência os ideais de vida construídos do ponto de vista dos dominantes - brancos, euro-americanos - sem perceber que auxiliam para a manutenção das formas de dominação, porquanto percebidas como naturais.

Esta é a realidade da maioria das escolas bíblicas espalhadas pelo Brasil, onde as crianças negras e mestiças continuam a crescer sem fazer uma reflexão da sua identidade, a partir de uma educação preconceituosa, forjada por valores dominantes e treinada, à exaustão, para repetir a prática corrente na sociedade, cumprindo assim o seu papel de manter as estruturas vigentes.

---

<sup>22</sup> SOUZA, A. C. B. ; ALBUQUERQUE, L. B. Currículo cultural: a sutil eficácia da violência simbólica. III Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, 2007. *Globalização e Interculturalidade: currículo, espaço em litígio?*, João Pessoa, v. 1, p. 1-17, 2007.

<sup>23</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 160.

## Considerações finais

Concluimos que a nação brasileira é uma nação mestiça e sincrética em suas práticas religiosas, uma nação multicolor que possui um pouco de cada uma das civilizações que por aqui chegaram e que o evangelho pode ser propagado sem abalar a cultura das etnias, povos e raças aqui existentes, pois o evangelho de Jesus não está contra a cultura de ninguém, mas reconhece e respeita as diferenças culturais, ressaltando-as, como prova da diversidade, da sabedoria e da criatividade de Deus na Criação.

Concluimos, também, que as igrejas de tradição protestante evangélica, tanto históricos como pentecostais, contribuíram para que a situação de discriminação e marginalização dos negros no Brasil fossem por tanto tempo perpetuadas e que temos uma dívida a pagar. Uma das maneiras de pagarmos essa dívida é propormos uma educação de afirmação às raízes étnicas e culturais afro-descendentes, com o intuito de fazer valer o respeito cultural tão fundamental para a construção de uma sociedade igualitária, livre e democrática.

Somente desta forma poderemos propor uma inculturação, preocupada com o resgate da dignidade do negro brasileiro, criado à imagem e semelhança de Deus; para que possamos (re)afirmar esta dignidade, ativamente engajados no Reino de Deus que é contra toda injustiça e opressão e anseia por justiça, igualdade e liberdade.

## Referências

A história do Livro sem palavras. Disponível em:  
<[http://www.montesiao.pro.br/redecrianca/dicas/hist\\_sempalavras.htm](http://www.montesiao.pro.br/redecrianca/dicas/hist_sempalavras.htm)>. Acesso em: 01 jun. 2008.

Cânticos de salvação para crianças. v. 2. São Paulo: APEC, [s.d.].

# Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia  
Volume 17, set.-dez. de 2008 – ISSN 1678 6408

---

- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- BARBOSA, José Carlos. *Negro não entra na igreja: espia da banda de fora*. Piracicaba: Unimep, 2002.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOTAS, Paulo. *Carne do sagrado – edun ara: devaneios sobre a espiritualidade dos orixás*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COMBLIN, José. *O batismo do ministro da rainha da Etiópia: o negro e a Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. Trad. Antônio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989.
- HOORNAERT, Eduardo. *Uma guerra sem trégua: a guerra cultural contra o negro*. Revista de Liturgia, São Paulo, n. 66. p. 16-17, nov./dez., 1984.
- MCLAREN, Brian D. *Uma ortodoxia generosa: a Igreja em tempos de pós-modernidade*. Trad. Jorge Camargo. Brasília: Palavra, 2007.
- MIRANDA, Mário de França. *Inculturação da fé e sincretismo religioso*. REB, vol. 60, fascículo 238, 2000.
- OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- PADILLA, C. René. *Missão integral: ensaios sobre o Reino e a igreja*. Trad. Emil Albert Sobottka. São Paulo: FTL-B/Temática Publicações, 1992.
- RAMOS, Arthur. *A aculturação negra no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- REGO, Waldeloir. *Iconografia dos deuses africanos no Candomblé da Bahia*. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

# Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia  
Volume 17, set.-dez. de 2008 – ISSN 1678 6408

---

ROCHA, José Geraldo da. *Teologia & negritude: um estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros*. Rio Grande do Sul: Palloti, 1998.

SANT'ANA, Antonio Olímpio de. *O negro latino-americano*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1989.

SANTOS, Gilberto dos. *Aprendendo com os Cultos Afro-Brasileiros*. Liturgia, São Paulo, n. 66, p. 6-12, nov./dez., 1984.

SANTOS, Leontino Farias dos. *Educação: libertação ou submissão? A ideologia da educação protestante na perspectiva da APEC*. São Paulo: Simpósio, [s.d.].

SILVA, Antônio Aparecido da. *Cultura Negra e Evangelização*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SILVA, Antônio Aparecido da. Negritude e liturgia. *Liturgia*, São Paulo, n. 66, p. 1-5, nov./dez., 1984.

SOUZA, A. C. B. ; ALBUQUERQUE, L. B. Currículo cultural: a sutil eficácia da violência simbólica. *III Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares*, 2007. Globalização e Interculturalidade: currículo, espaço em litígio?, João Pessoa, v. 1, p. 1-17, 2007.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: EdUnb, 1980.